

## **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

*O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.*

### **Georges Leuzinger, seus negócios e sua família: entre o Velho e o Novo mundos**

Vavy Pacheco Borges

#### **1 - Apresentação da pesquisa: memória, fontes e idéia central**

Estas informações fazem parte de um pesquisa em curso, na qual o suíço-brasileiro Georg ou Georges Leuzinger não era o objeto central. Pesquisei até hoje mais sobre duas mulheres de sua família, respectivamente sua filha e sua neta, que entraram em minha vida por que meu marido – o francês Alain Jean Costilhes - era tataraneto de G L.

Dois pesquisadores foram fundamentais no meu trajeto relativo à família Leuzinger: Renata Santos, cujo pioneiro mestrado na UFRJ trata da Casa Leuzinger enquanto produtora no campo das artes gráficas, mas sobretudo editora de imagens, primeiro as gravuras e depois as fotografias<sup>1</sup>. O segundo é o alemão Frank Kohl, que estuda o mercado das imagens fotográficas brasileiras na Europa e a formação da comunicação visual global na segunda metade do século XIX; focaliza em especial os fotógrafos de língua alemã, ativos no Brasil imperial a partir dos anos 1850.<sup>2</sup> Os dois pesquisadores têm ligações com o Instituto Moreira Salles, que se interessa atualmente por conservar o material fotográfico e documental referente a Georges Leuzinger.<sup>3</sup>

Só muito recentemente um público não especializado tomou conhecimento do nome de G L e isso se deu através de sua atividade de fotógrafo. Com o interesse crescente pela fotografia como arte surgiu o interesse pela história da fotografia, dentro do qual sua imagem veio a público, em boa parte devido aos trabalhos de Pedro Karp Vasques e Gilberto Ferrez; muitas das fotos que seu ateliê produziu e distribuiu têm sido cada vez mais divulgadas através de livros editados sobre fotografia no Brasil do século XIX e em

---

<sup>1</sup> Santos, Renata *A imagem negociada: A Casa Leuzinger e a Edição de Imagem no Rio de Janeiro do século XIX*, IFCS, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

<sup>2</sup> Ele prepara um doutorado em Antropologia Visual pela Universidade de Marburgo na Alemanha sobre esse tema.

<sup>3</sup> Isso parece ter se iniciado na seqüência do interesse por Marc Ferrez, que foi aprendiz, ao que concluem alguns especialistas, no ateliê fotográfico GL durante os anos 1860-1870..

exposições, como por exemplo em São Paulo, no Parque do Ibirapuera, na Mostra dos 500 anos, durante o ano 2000. Contaram-me até amigos e parentes que GL foi mencionado numa novela de grande sucesso de público da TV Globo, “Laços de Família” - no início de 2001 - como um fotógrafo famoso no Rio do século retrasado.

Para o público especializado, foi o trabalho de Ernesto Senna., *O Velho Comércio do Rio de Janeiro*, do início do século XX, que fez uma primeira construção – e muito favorável – da imagem de GL que, através de Senna ,aparece como grande empreendedor e grande pessoa humana.<sup>4</sup> Um extrato desse texto de Senna, sem indicação de origem ou autor, circulou entre alguns dos descendentes atuais de GL. O inglês Laurence Hallewell, em uma historia do livro, feita há aproximadamente um quatro de século, é o responsável pela colocação de GL, para o mundo acadêmico, entre os mais famosos editores e tipógrafos de fala francesa, como Garnier, mas também entre os alemães Laemmert ; Renata Santos faz o paralelo com Paula Brito.

O próprio GL se preocupou, dez anos antes de morrer, em encaminhar gravuras e desenhos que produzira para a Biblioteca Nacional, material que hoje tem sido trabalhado pelos pesquisadores citados; também seus catálogos fazem parte do acervo da B.N..Um grave incêndio em 1897 destruiu os arquivos dos negócios desde 1840 e os pesquisadores recuperam a história da empresa por fontes paralelas como anúncios .

Foi dono de empresas mistas de artes gráficas: loja e oficinas de papelaria, tipografia, encadernação, pautação, edição de livros e outros impressos, gravuras e fotografias.<sup>5</sup> Foi certamente, como alertou Renata Santos, graças à rede constituída por GL com seus filhos, que a empresa familiar conseguiu se destacar tanto no Velho como no Novo Mundo, ai se incluindo os EUA. Entre nós, GL acabou por se tornar uma figura pública conhecida no mundo comercial e cultural da corte do Segundo Reinado que, segundo Artur C F Reis, passava naquele momento por grandes transformações, pois “ se polia e amadurecia nos salões (...), nas maneiras fidalgas e no trato cerimonioso, no bom gosto revelado na preparação do interior dos lares, (e ) era bem um reflexo da civilização que

---

<sup>4</sup> Ver **Senna**, Ernesto, *O Velho commercio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Livraria Garnier Irmãos, 1908, pp. 70 em diante.

<sup>5</sup> Ver **Reis**, Artur C F, “A provincia do Rio de Janeiro e o Municipio Neutro”, in Holanda, Sergio B.de (org). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Monárquico. Tomo II, vol II, pág 332, citado por Santos, Renata, op.cit. pp 38 -39.*

batia às portas do país entrando por sua porta principal. Os viajantes que a visitaram, como Saint-Hilaire, Rugendas Debret e Gardner são unânimes em constatar a mudança que se operava com rapidez e para a qual a contribuição estrangeira era visível e imensa”.

Foi o décimo filho Paul (avô de Paulinho Leuzinger) - que passou nove anos se educando na Europa – o grande responsável pela maioria das fontes sobre a vida do clã GL. Paul reuniu uma grande quantidade de cartas que nos permitem entrar na intimidade de GL, sua mulher, seus filhos, noras, netos, genros, sobrinhos e agregados e que nos fazem perceber que, apesar de espalhados por vários países, havia uma grande união familiar. Essas cartas são uma explosão de sentimentos - expressões de saudades, encorajamentos, votos de felicitações por aniversários, finais de ano, nascimento, casamento, aniversário, lamentações por doenças, mortes, descrições de festas, recomendações de aceitação da vontade de Deus, de condutas éticas, etc. Anunciam também o envio de presentes de objetos e /ou dinheiro que, como as cartas, cruzavam o Atlântico nos dois sentidos. Dessa correspondência resulta, de forma impressionística, a constatação de um afeto enorme entre três gerações de Leuzinger. Se o constante vai-vem dos dois lados do Atlântico – de cartas, pessoas, máquinas, produtos – pode nos dar a impressão de que, ao contrário do que se poderia esperar, a distância então não significava muito, a tristeza, o trauma e a “violência” demonstrados pela separação “necessária” entre pais, filhos e irmãos é pungente em algumas cartas e dá a verdadeira dimensão do que era a vastidão do Atlântico naqueles tempos.

Paul também é responsável por outra fonte fundamental: uma espécie de anais de uma família – um *livret de famille* que ele redigiu durante anos, em um álbum da Tipografia Leuzinger: grandão, pesado, escrito à mão e começado em 1905. Pode ser visto também como um “*livre de raison*” (como eram chamados na França), onde se encontram anotados os fatos importantes da vida de cada filho e da nova família que cada um veio a constituir, desde o batismo até, às vezes, a morte.<sup>6</sup> Como tudo está organizadamente relacionado, pode-se acompanhar de forma clara – e não se catando as informações, como nas cartas – os casamentos, nascimentos, doenças e mortes, as viagens e as estadias, visitas dos filhos e filhas ( mais ocasionalmente dos pais) para conhecer o local de origem da família na

---

<sup>6</sup> Segundo a historiadora francesa Michelle Perrot, eram em geral mantidos por mulheres (ver Perrot, Michele, ”Práticas da memória feminina”, in *Revista Brasileira de História* no. 18<sup>a</sup>, *Mulher e o espaço Público*, p.11

Suíça, para visitar os parentes Du Authier e Geslin na França, (família da esposa de Georges) e os primos Leuzinger em *Mollis*, além de amigos. Os filhos passaram anos no Velho Mundo em busca de educação e /ou formação profissional como estágios em lojas de comércio e estudo em escolas técnicas. Percebe-se como as irmãs casadas que moravam na Europa cuidavam dos irmãos mais moços, albergando-os para estadias, férias, etc. Mais tarde, quando começaram a trabalhar com o pai, vão os filhos, em especial um deles, Vitor, solteiro, em busca de novas técnicas, novas máquinas ou contratar pessoal.

Assim, acho importante pensar GL – um verdadeiro *self made man*, no dizer de Renata – ao mesmo tempo como responsável e como parte de uma clara globalização *avant la lettre*, num século XIX em que, entre o Velho e os Novos Mundos, o entrecruzar de pessoas, idéias e gostos, capitais e negócios era uma constante.

## 2- GL, sua família e seus negócios

Ele nasceu em 31 de outubro de 1813 em *Mollis*, cidade do Cantão de *Glaris* (ou *Glarus*), na Suíça, cuja população de idioma alemão era em sua maioria protestante (ligados a Zwinglio), mas também em boa parte católica. Com um nome bastante comum na família Leuzinger, era filho de um outro Georg – um ferreiro – e de Sabine Laager e ainda neto de outro Georg<sup>7</sup>. A família guarda ciosamente exemplares de uma documentação oficial fornecida pela administração de *Glarus* que nos informam que, no século XII, dois irmãos Leuzinger eram “*cavaleiros que naquela época partiram juntos na Santa Cruzada*”;<sup>8</sup> a mesma história surge no desenho de uma espécie de brasão – o escudo suíço – cuja simbologia mostra “*a origem da família brotando unida na fé, dentro do coração da Europa, núcleo pacífico invulnerável, mesmo no meio das guerras de seus poderosos países vizinhos*”. Um dos documentos afirma que a “*estirpe Leuzinger era uma das estirpes livres já antes do século XII*”, segundo o “*Altamente Elogiável Clero de Sekingen* (que então) dominava a terra de *Glarus*”.<sup>9</sup> Com todo esse histórico familiar, a falta de opções fez com que Georges primeiro, e 17 anos depois, seu único irmão Johannes, quatro anos mais novo, acabassem emigrando; o caçula foi para os EUA, para *Muskatine*,

---

<sup>7</sup> Ele e seu irmão nomearam o primeiro filho com o nome do pai e a primeira filha com o nome da mãe, algo comum até pouco tempo.

<sup>8</sup> São cópias de documentos, datados de 1814 em diante, com visto da Embaixada da França na Suíça.

<sup>9</sup> Encontrei o mesmo escudo reproduzido num prato de louça na parede do apartamento de uma neta de GL no Rio de Janeiro.

Iowa, onde temos notícia que a mãe Sabine o visitou, embora ela não tenha vindo ao Rio de Janeiro.

Em 1819, iniciara-se na região serrana de Nova Friburgo, a 170 quilômetros do Rio de Janeiro, uma imigração de suíços católicos de fala francesa, que foi a primeira tentativa de colonização de população européia no Brasil.<sup>10</sup> O suíço Georges, porém, era protestante e de fala alemã e, imigrante mais diferenciado, seu objetivo era instalar-se na capital do país para trabalhar num comércio cada vez em maior expansão. Embora ainda na Suíça tivesse estudado negócios de tecidos de algodão e de rendas em Saint Gallen, aos 18/19 anos veio arriscar-se no Novo Mundo, tentando a vida no Rio de Janeiro, na firma de exportação – importação *Casa Leuzinger et Companie*, de um tio Jean Jacques Leuzinger, o qual nunca pusera seus pés no Brasil, somente seu capital (suponho que seja um certo Johan Jacob que localizei na árvore genealógica – outro nome comum entre os Leuzinger – e que faleceu em Paris em 1861). Procedente do Havre, em embarcação a vela (bergantim francês *La Diva* ou *La Dyas*, pois a navegação a vapor para o Brasil só se efetivou regularmente a partir de 1860), depois de uma travessia que durou 54 dias, desembarcou no Rio no último dia de 1832. O choque dessa chegada é lembrado por ele 38 anos depois, em carta a seu filho Paul, tentando consolá-lo:

*Eu sei muito bem o que você está passando (...) posso assegurar que sua posição em Paris é muito melhor que aquela mesma do dia 30 de dezembro de 1832. Sozinho, desconhecido, entre pessoas que falavam o francês dentro de casa, que eu entendia muito mal, e, do lado de fora, o português que eu não conhecia absolutamente nada. País, nacionalidade, religião, usos, modo de vida, tudo novo, vendo apenas, por assim dizer, os negros meio selvagens da costa da África, sem um só amigo. Sem um outro conhecido além do sócio do meu tio, que juntamente à mulher que vivia com ele me olhavam de lado. Onde eu me deitei pela primeira vez em um quarto sem janela. Nesse horror de posição um só pensamento me sustentou, sem o qual eu estaria morto: o amor de mãe. Por causa deste amor por minha mãe que eu superei todas as vicissitudes de minha primeira existência muito dura no Rio, este Rio que é minha segunda pátria, de eu me sinto ainda estranho e onde eu morrerei estranho, por que tudo é estranho aos meus ouvidos e ao meu coração, a língua, a religião, as leis, os usos”<sup>11</sup>*

---

<sup>10</sup> Ver Gomes, Ângela de C., *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000.

<sup>11</sup> Carta citada em Santos, por Renata, *op.cit.* pp 30-31

Como os negócios familiares iam mal, GL acabou se desentendendo com um sócio francês Bernard, e abandonou a firma. Em 1840 GL “já economizara o bastante para comprar a mais antiga papelaria da cidade - *Ao Livro Vermelho ou Livro Encarnado* - do suíço-francês Jean Charles Bouvier”, uma “papelaria e pequena encadernação para obras impressas e álbuns”, na famosa rua do Ouvidor do centro da cidade. Foi a partir desse núcleo inicial que seus negócios prosperaram, chegando com seus filhos até o séc. XX.

No mesmo ano, já há oito anos no Rio, casou-se, em 20 de dezembro de 1840, dia do aniversário do distante irmão, na Igreja do Outeiro da Glória, com uma francesa, Anne Antoinette du Authier (curiosamente chamada em família de Eleonore). Era filha de Léonard Sebastien du Authier e Marie Anne Mounier e provinha de uma família francesa de origens nobres de *Limoges*, na *Gascogne*; um de seus antepassados, Gauthier du Authier emigrara durante a Revolução Francesa para a Inglaterra (com o Príncipe d’Artois), abandonando mulher e três filhos e levando consigo o primogênito; morreu em 1794. Todos seus bens foram vendidos (a família tem cópia dessa venda); talvez por essa razão, desde o início do século XIX os Du Authier vieram ser negociantes no Brasil. No espaço de vinte anos o casal teve treze filhos, seis homens e sete mulheres, sendo que quatro não deixaram descendência. Mudaram várias vezes de endereço: os primeiros quatro nasceram enquanto moravam na rua do Ouvidor, 36; depois moraram na Mota Carvalho, 47, onde nasceu a filha Eugénie; Edmond nasceu em Santa Teresa, moraram depois na Carvalho de Sá e depois na Rua do Príncipe, 35, no Catete, onde nasceu Jules, o caçulinha. No final da vida de GL habitavam um casarão no Largo dos Leões, ao lado de um dos filhos, suponho que o mais rico, Edmond, casado com uma brasileira de família de posses.

Senna coloca GL como tendo amado muito o Brasil.<sup>12</sup> Ele realmente aqui se enraizou, não tendo voltado a morar no Velho Mundo após se enriquecer, como muitos; e por sua história familiar percebe-se que ele se adaptou muito bem, apesar do estranhamento

---

<sup>12</sup> E é ainda Senna que nos fala da relação de GL com sua pátria de adoção: “Do Brasil que muito amou, conheceu ele uma parte importante de sua história, pois que tendo chegado e assistido às arruaças da Abrilada, no momento da minoridade do Imperador D. Pedro II, acompanhou todo seu movimento até a República, tendo falecido 3 anos após a proclamação da República”. Conta ainda que GL gostava de contar aos seus amigos e familiares fatos da Abrilada, que presenciara logo ao chegar ao Brasil.

mencionado acima.<sup>13</sup> Outra prova de seu entrosamento no ambiente do Rio de Janeiro é o provável encorajamento dado pelo casal a que seus filhos homens se casassem com mulheres brasileiras, o que fortificava o enraizamento do clã familiar na sociedade local. Suas filhas, porém, fizeram exatamente o oposto, seguindo o modelo materno, e quatro delas – pois uma morreu aos dezesseis anos e outra ficou solteira – escolheram estrangeiros como seu pai, acabando três por morar na Alemanha (Karlsruhe) e na França (Paris, Caen, Sul da França), perpetuando assim os laços do clã Leuzinger com o Velho Mundo.

Nos anos 1820 a rua do Ouvidor já era famosa vendendo tecidos, miudezas e, sobretudo, ostentando “toda elegância dos franceses”.<sup>14</sup> Foi nessa principal artéria do comércio carioca que os negócios foram crescendo, tornando a firma Leuzinger um local de referência obrigatória na vida cultural brasileira da segunda metade do século e seus produtos uma marca de referência e qualidade.<sup>15</sup> Os laços profissionais com o Velho Mundo eram constantes: importação de técnicas e técnicos, venda de gravuras, competição de seus produtos em exposições, etc; além da já citada educação e formação profissional dos filhos.

Pode-se tentar esquematizar suas atividades – o “negócio do papel”, como ele dizia: inicialmente dono de papelaria, tipografia e edição (naquele tempo associadas), essa atividade permaneceu durante toda vida dele, continuando com filhos. Como todos livros de escrituração eram importados, ele montou uma oficina para fazer esse tipo de livros; sua tipografia contava com a ajuda de dois famosos técnicos alemães Huselmann e Bollenberg, gravadores de medalhas, sinetes, chapas. Da metade dos anos 1840 a 1850 produziu e comercializou gravuras, feitas em litografia e estampadas em sua maioria na Casa Lemmercier e um pouco no Rio, na Haeton & Rensburg. Depois, sempre sintonizado com seu momento, substituiu as imagens de gravuras por imagens fotográficas, montando um ateliê que funcionou de meados da década de 1860 a 1870. Em seqüência *Ao Livro Vermelho*, suas empresas se chamaram depois G. *Leuzinger* e G.

---

<sup>13</sup> Há menções que GL tinha escravos e nas cartas é mencionada mais de uma vez uma ama muito querida Celestina ou Celerina ( que nasceu em 1807 e morreu em 1890); entre as fotos familiares encontramos algumas fotos de uma negra que ,suponho, possa ser essa ama.

<sup>14</sup> *Deutsche und Deutscher Haendel in Rio de Janeiro – ein hundertjahri ges Kulturbild Zur Zentener Feies des Gesellschaft Germania – 1821-1921*, p. 63

<sup>15</sup> Ver Sanson, M. Lucia D. de e outros, *O Rio de Janeiro do fotógrafo Leuzinger: 1860-1870*, Sextante Artes, Rio de Janeiro, 1998; ver também Hallewell, Laurence, *O livro no Brasil (sua história)*, São Paulo, T. A. de Queiroz/ EDUSP, 1985.

*Leuzinger e filhos*. Há menções nas cartas às suas inúmeras horas de trabalho, seu cansaço, sua dedicação.

Desde o início GL servia toda uma freguesia do comércio e da própria Corte para fazer diplomas, chapas para cartões de visitas, sinetes, brasões, letras de saque para os bancos, pastas, portfólios, cadernos de escrituração para escritórios e repartições etc. Assim, circulava dentro da comunidade brasileira, logicamente, vendendo até para a própria Corte (por vezes no lugar da própria Imprensa Régia). Era membro da *Germania Deutsche Gesellschaft*, uma espécie de câmara de comércio fundada em 1821 e composta dos “*Kaufleute*”, a gente do comércio de fala alemã, e que foi para um estudioso “o ponto de partida e a instituição em torno da qual se articulou a solidariedade étnica” e da “*Kultur*” germânica.<sup>16</sup>

Mas era um contingente relativamente pequeno essa imigração de fala “teutônica”, se comparada à francesa, por exemplo.<sup>17</sup> O trilingüe GL falava alemão pela criação, português e francês após a chegada ao Brasil. Por seu casamento e por relações de trabalho (Lemmercier, Martinet, etc.), teve assim também inserção no mundo de influência francesa: sua família falava francês em casa, ele mesmo deixou muitas cartas em francês, escrevia observações nas gravuras doadas à Biblioteca Nacional em francês. Seus filhos, batizados pelo pastor luterano Schmidt, praticaram o catolicismo como a mãe. Henri, o primogênito dos homens e que sucedeu o pai na chefia dos negócios, fez previamente um estágio em loja parisiense. Vivendo nessa dupla relação, GL teve contacto com muitos dos visitantes preeminentes tanto de língua francesa como alemã que estiveram no Rio, entre os quais Maximiliano da Áustria (depois Imperador destronado do México), o Príncipe de Joinville, (filho do rei francês Louis Philippe), artistas como Charles de Ribeyrolles (autor de *Brasil Pitoresco*) e os pesquisadores e naturalistas suíço-americanos Louis Agassiz e sua mulher Elisabeth.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Ver Seyferth, Giralda, “A imigração alemã no Rio de Janeiro” in Gomes, Angela de C., op.cit. p. 11 -43 A *Germania Gesellschaft* deu origem ao Clube Germânia, hoje na Gávea. Representava a *Kultur* germânica, conjugando negociantes de importação-exportação “alguns dos quais serviram como representantes diplomáticos de algum país do centro ou do norte da Europa”, corretores de bolsa, livreiros e tipógrafos (como ele e os irmãos Laemmert), além de médicos, engenheiros, taberneiros. A “*Kaufleute*” vivia de forma abastada; fundaram em 1827 a primeira comunidade evangélica luterana, além de uma sociedade de beneficência, a *Hilfsverein* (1844), que conseguiu fundar, em 1855 somente, a primeira escola alemã.

<sup>17</sup> Não faziam parte desse grupo social os artífices operários e os colonos vindos das áreas de colonização de língua alemã. Em 1920 o número apontado por autores era de 20.000.

<sup>18</sup> Parece que foi esse – em visita ao Brasil com sua mulher Elisabeth – quem insistiu com GL para fazer fotografar a região amazônica.



Mulheres do clã Leuzinger também favoreceram a inserção, pois mantiveram prestigiosos colégios no ensino leigo particular de então, o que mostrava a participação dessa elite estrangeira no campo da cultura /educação. À procura de uma saída para sua difícil situação financeira, algumas mulheres cultas, em especial as europeias, dedicavam-se ao ensino privado (única forma então de ensino leigo, em geral nas próprias casas dos donos dos colégios). A irmã de EL, Baronesa ou Madame de Geslin, ficara conhecida na corte do Rio de Janeiro pelo seu colégio, anunciado no *Almanak Laemmert*;<sup>19</sup> por esse anúncio, lê-se que nesse estabelecimento eram educadas “com esmero as filhas das principais famílias do país”.<sup>20</sup> Alguns anos depois, em 1865, entre dados de trinta e sete estabelecimentos de ensino feminino, há uma menção a um “Colégio de Madame Leuzinger”, situado na mesma rua do Príncipe do Catete, 25;<sup>21</sup> o registro indica que era uma escola de sessenta e seis alunas, somente para “instrução primária”.<sup>22</sup> Ainda mais tarde, em 1880-1881, também na rua do Catete, Eugénie, a única filha casada no Rio, ficando viúva se lançou ao ensino profissional fundando o Colégio Masset, seu sobrenome de casada<sup>23</sup>.

As filhas Sabine e Eugénie são exemplos claros dos laços de afeto entre a família e da globalização do clã. O genro da filha mais velha Sabine, o alemão Franz Keller, nascido em *Mannheim*, engenheiro, cartógrafo desenhista, xilogravurista, pintor, veio acompanhar o pai e o irmão para trabalhar nas primeiras estradas de ferro e em possíveis transportes

---

<sup>19</sup> Referência da casa da baronesa de Geslin é Casa sobre os Rochedos, Praia do Russel; Geslin escrevia num jornal francês no Rio.

<sup>20</sup> Anunciava que o colégio estava “bem localizado entre o mar e a praia, numa passagem importante entre as regiões mais nobres”. O intitulado “Collegio de Meninas” ficava na Rua do Príncipe do Cattete, ao que me parece, um edifício de GL; segundo a propaganda, era “um dos lugares mais salubres do Rio de Janeiro (...)”, onde “ensina-se tudo que abrange uma educação completa tanto para a instrução geral e as artes do recreio, como para a moral e a religião”.

<sup>21</sup> Em um “*Relatório da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte*”.

Mostra matrículas em cursos especiais somente em três matérias: desenho (3) piano ou harpa (20) e dança.

<sup>22</sup> Em uma das cartas de GL a um filho na Europa, lê-se que sua mulher estava ocupada com o colégio e não podia empreender viagem à Europa.<sup>22</sup> EL também descreve em outra carta uma festa para os alunos.

<sup>23</sup> Foi desse que tirou, durante anos, o sustento seu e de seus sete filhos; quatro anos depois da abertura, ela já afirmava que o colégio ia “bastante bem”. Uma fonte a coloca como “um dos vultos mais respeitados na galeria de nossos educadores do fim do Império e princípios da 1ª República. (...) Suas numerosas alunas ainda vivas (em 1941), ornamentos de nossa sociedade, darão todas testemunho de suas raras e heróicas qualidades de prudência, sabedoria e honestidade. Eugénie, em sua viuvez, legou-nos um belíssimo diário – escrito em um caderno de escrituração para escritórios ou repartições, uma encadernação simples em couro cor de vinho, que traz dentro uma etiqueta com o nome Leuzinger & Filhos (com o endereço da “loja de papel e de objetos de escritório”, na rua do Ouvidor, 31) e com as datas das premiações nacionais e internacionais ganhas pelos trabalhos da firma; sua irmã Sabine também nos legou um “diário”. A imagem dela na família era de heroína: muitas vezes minha sogra, já idosa, elogiava Eugénie para mim – uma outra professora – dizendo: “Minha avó foi uma mulher incrível, muito corajosa e trabalhadeira, sustentou sozinha os 7 filhos”.

fluviais. Esteve algumas vezes no Brasil e aqui se casou com a primogênita Sabine Christine. Durante as explorações realizadas Franz Keller sempre desenhou paisagens, animais, índios e outros aspectos encontrados; alguns dos seus desenhos foram comercializados pelo sogro e fazem parte, por exemplo, de uma série de imagens sobre a região do Amazonas. O casamento com Sabine Leuzinger foi em 1867, antes da viagem ao Amazonas, para aonde ela acompanhou o marido. Sinal dos laços de afeto familiar é, sobretudo, a mudança do nome de Franz Keller: a partir de 1867 ele acrescentou o sobrenome Leuzinger e passou a se chamar Franz Keller-Leuzinger. Já o casal Eugénie e o marido francês Gustave Masset (descendente de um editor francês e ele mesmo comerciante de roupas) evidenciam o espírito de clã de outra forma: Gustave e Eugénie, como os pais desta, também se casaram na Igreja do Outeiro da Glória, também moraram na rua do Ouvidor em cima da loja de Masset, e lá tiveram os primeiros quatro filhos, o que permitia, segundo carta de Eugénie, “ter o prazer de ver todos os dias papai e meus irmãos”. Depois moraram por anos com o casal GL, a quem deram a primeira neta; as cartas mencionam o prazer dos patriarcas de abrigarem em sua casa a família Masset e o genro Masset escreveu à mãe que os sogros não queriam que eles saíssem para morar na nova casa que tinham construído.

No início GL vendia no início estampas e litografias parisienses aos tropeiros, que as revendiam pelo país afora.<sup>24</sup> Um dos anúncios no *Almanak Laemmert*, em 1866, nos faz saber que a Casa Leuzinger, situada na rua do Ouvidor, nos números 33 e 36, se oferecia para fazer “paisagens, panoramas, stereocopos e costumes”. Segundo Senna, entre os foragidos da Revolução de 1848 “vieram também artistas notáveis, cujas aptidões GL aproveitou para fazer numerosas vistas do país e também dos costumes de vários habitantes, as quais mandou editar em litografia na Casa Lemmercier de Paris”. Renata Santos mostra “o rigor e a perfeição que ele procurava alcançar” nessas edições, informando que foi o gravador Martinet quem mais trabalhos fez para GL. Essas gravuras, em coleções ou não, foram, por longos anos as únicas vistas do país que se encontravam; eram muito procuradas e adquiridas pelos visitantes estrangeiros; certamente contribuíram muito – como depois as fotografias – para reforçar, no Velho Mundo, o imaginário sobre o

---

<sup>24</sup> “A gravura, bem antes da fotografia, foi a forma que a sociedade moderna encontrou para multiplicar a imagem em cópias nítidas e perfeitas, em um alcance infinitamente maior do que a pintura e o desenho. (...) Havia um interesse da sociedade do séc XIX por conhecer a aparência das coisas, em poder tornar-se um viajante sem ter que aventurar-se no meio do desconhecido, ou mesmo apreender a novidade” Santos, Renata, *op cit.* p. 86 “Ao editor cabia ter a sensibilidade para selecionar ou acolher o que tinha interesse público (p.88)

Novo Mundo e seu “exotismo”.<sup>25</sup> Anúncios para a venda por subscrição ofereciam a possibilidade de entregas em Paris, Londres, Hamburgo e Lisboa.

Na mesma linha de sintonia com as tendências européias e em continuidade da representação imagética do país, GL lançou-se no campo da fotografia, montando um ateliê completo com aparelhagem para viagens pelo interior, encomendando tarefas a fotógrafos hábeis, cujas fotos depois foram premiadas em exposições internacionais. Chegou a editar um catálogo com 337 fotos de locais do Rio, Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo. Essas fotos e coleções eram vendidas internacionalmente, com suas legendas em francês, a língua da cultura na época; no século XX, segundo peritos na história da fotografia, fotos dessas coleções foram encontradas pelos pesquisadores em várias cidades européias até da Rússia, mas também nas Américas, como Estados Unidos e Argentina. Nesses anos foram produzidas no ateliê lindas vistas não somente do Rio e redondezas, mas também da Amazônia, mostrando a flora, a fauna e os indígenas.<sup>26</sup>

Como assegura um especialista, “a produção de vistas e paisagens no Brasil do século XIX era tarefa árdua e de retorno não assegurado, de modo que os fotógrafos que se dedicavam ao gênero não o faziam em absoluto de maneira fortuita e sim, ao contrário, como um esforço deliberado e, freqüentemente, hercúleo, tantos os obstáculos que tinham que se defrontar”. E, por causa dessas dificuldades, conclui, a maior parte dos fotógrafos se dedicava aos retratos de ateliê.<sup>27</sup> O Imperador Pedro II era um grande aficionado da fotografia e na coleção de sua mulher, a Imperatriz Teresa Cristina, encontram-se fotos do ateliê Leuzinger; por outro lado, nos álbuns de família de fotos dos Leuzinger, entre inúmeros conhecidos e desconhecidos, encontramos retratos de D Pedro II e da família real.

---

<sup>25</sup> Assim, GL foi um elo na ampla tradição de interesse europeu por uma documentação da realidade brasileira que veio desde o século XVI e na qual se destacam, entre inúmeros outros, as gravuras de Hans Staden, os variados mapas do tempo das descobertas e, no XVII, a magnífica documentação da corte de Maurício de Nassau.

<sup>26</sup> Fotos de Georges Leuzinger fazem parte do catálogo da Mostra do Redescobrimento – *O olhar distante*, Fundação Bienal de São Paulo, 2.000, p. 248-251. Ele recebeu a única distinção feita ao Brasil na Exposição Internacional de Paris em 1867. Ver também Fernandes Junior, Rubens e Lago, Pedro Correa do. *O século XIX na fotografia brasileira: Coleção Pedro Correia do Lago*, Ed Francisco Alves, Rio de Janeiro, 2000. Outro livro recente traz fotos publicadas pela oficina dele, como as fotos atribuídas a seu genro, Franz Keller, que adotou no Brasil o sobrenome Leuzinger e Albert Frisch. (ver Vasquez, Pedro K., *Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX*, Metalivros, 2000. Nesse livro se fala da controvérsia sobre as primeiras representações fotográficas dos indígenas.

<sup>27</sup> Ver Sanson, M.Lucia David de e outros, *op.cit.*

Como funcionava o ateliê de fotos é ainda controvertido: há suposições de que GL tenha feito algumas das fotos, além da produção e comercialização; sabemos que dois de seus filhos se ocuparam das fotos em certos momentos prévios de exposições, que lá trabalharam o francês Marc Ferrez e alemão A Frisch (enviado por GL à Amazônia, onde fez as primeiras fotos de índios brasileiros), mas muitas dúvidas ainda restam, em especial sobre a participação do genro Franz Keller no ateliê. A primeira foto brasileira a ser premiada na Exposição Internacional em Paris, em 1865, foi uma paisagem carioca feita no ateliê de GL.<sup>28</sup> Mais tarde GL editou as gravuras de Victor Frond, feitas a partir de fotos.

A partir de 1873, quase um quarto de século após seu início nos negócios, os filhos se tornaram seus associados, cada um à frente de uma seção. O filho mais velho, Georges Henri, chamado somente de Henri, foi sempre o grande esteio. O filho Edmond deixou a firma nos anos 1870. Victor morreu jovem, aos 28 anos, e sua má saúde é comentada nas cartas, onde ele também reclamava de tantas viagens de negócios que tinha que fazer na Europa. Jules, o caçula, foi o único a não trabalhar nas empresas paternas.

No campo da tipografia, há uma crítica registrada por Senna quanto a tipos alemães por ele importados. Mas é apontado muitas vezes, por exemplo, em um catálogo de obras raras na B.N., que GL operou uma “completa transformação na indústria tipográfica brasileira” : ele importou dos EUA parece que em 1858, “19.000 quilos de tipos de primeira qualidade, um motor a gás da força de quatro cavalos e dez prelos mecânicos dos melhores fabricantes” e passou a ter cinquenta e dois artistas compositores e impressores, na maior parte brasileiros e discípulos da casa”.<sup>29</sup> Ao comprar a Tipografia Francesa (1864?-1872?), o desenvolvimento dos negócios obrigou-o a aumentar suas instalações, ocupando também dois edifícios na rua 7 de setembro, número 35. Uma etiqueta no diário da filha Eugénie escrito num caderno da tipografia familiar, nos enumera todas as premiações conseguidas até aquela tapa pelos produtos tipográficos: nas exposições no Brasil em 1861, 1866, 1873,

---

<sup>28</sup> Justamente uma das exibidas na Mostra dos 500 anos já citada.

<sup>29</sup> Renata Santos e Frank Kohl chamaram minha atenção para este catálogo; a Nelson Schaposhnik devo a seguinte contribuição: “a papelaria prolongou-se em oficina typographica de remontado conceito; sendo os seus caixotins os primeiros desta capital que receberam typos elzevirianos, vinhetas e illuminuras para edições de luxo.” Morais Fo. Mello, Alexandre José de. *Factos e memórias*. Rio de Janeiro, Garnier, 1904, p.296.

1881; em Londres 1862, Paris 1867, Viena 1873, Buenos Aires 1882, além de duas medalhas na Exposição Universal de Filadélfia para livros de escrituração, encadernação e tipografia (sem data).

No campo da edição, GL imprimiu livros de muitos autores, entre os quais, dos mais conhecidos, estão A. de Taunay, (*Inocência*) Joaquim Nabuco e o historiador Capistrano de Abreu. Produziu catálogos famosos para a Biblioteca Nacional, além dos chamados “impressos efêmeros” – livros, revistas e jornais ilustrados. Nos anos 1850 editou diversas folhas diárias, por vezes em alemão, redigidas por alguns revolucionários e socialistas que a Revolução de 1848 havia afugentado da Europa, as quais eram, ainda segundo Senna, “folhas que curta existência tiveram à falta de leitores e por estarem os seus redatores em constantes lutas”. “O Emigrante”, a última editada em 1853, era redigida em português e seu principal redator foi um dr. Kieckback.

Aos sessenta anos GL empreendeu sua única viagem de volta à sua terra natal, quando seus pais estavam mortos e seu irmão não mais lá vivia. Segundo nos afirma Senna, lá “tendo sofrido a decepção ao rever o lugar de seu nascimento, de não encontrar ali sequer um conhecido”. Mas GL nos deixou, em carta, impressões sobre os dois dias que lá passou, os edifícios mudados, os antigos conhecidos e primos que encontrou e que muito lhe falaram sobre os seus três filhos menores que por lá tinham estado. Vinte anos depois, logo após festejar suas Bodas de Ouro, “bastante robusto e em pleno gozo de suas faculdades”, depois de breve enfermidade GL faleceu, cinco dias antes de completar oitenta anos.

Senna testemunha que GL tinha

*alma de artista, todo seu empenho era em introduzir em seu estabelecimento os mais adiantados sistemas de gravura e encadernação, e assim obrando por completo nestas constantes preocupações, parece que a administração do estabelecimento era por ele esquecida, dando em resultado um certo desfalecimento na boa ordem e na disciplina interna da casa comercial. (...) Das suas oficinas saiu uma grande legião de artistas que se espalharam pelo país.(...) sempre que o procuravam, sempre com paternal carinho, denominava-os filhos da Casa (...).”*

Ainda segundo Senna, era em extremo amigo de seus empregados, incapaz de exercer sobre eles qualquer ato de rigor, esquecendo-se até de abusos que sofrera e que o tinham prejudicado “pecuniariamente”. A partir desse traço, creio, foi formada em 1885 uma sociedade beneficente para os empregados; em 1892 alguns contratados de muitos anos adquiriram interesses nos negócios. Morto GL, seu filho Henri, junto com Paul e a viúva-mãe como comanditária da sociedade, manteve-se, como já fazia antes, à frente dos negócios. Em 1898 morre a viúva Eleonore e, em 1906, Henri. Segundo me contou Edna, a filha de Paul em 2001, este tentou muito salvar os negócios, mas na verdade a firma que chegou a festejar um centenário em 1940 como Casa Leuzinger, nada mais tinha a ver com a família nem com aquela grande e próspera firma fundada, dirigida, redirecionada com grande sensibilidade por GL no séc. XIX.

Senna, provavelmente simpatizava com ele, pois nos legou de GL uma imagem bela e generosa em todos os planos, além do de grande empreendedor:

*“ velho e venerando vulto, muito simpático, de ilibada probidade, muito alegre, de gênio franco e expansivo, coração bondoso, atraindo para si todos que dele se acercavam em sua longa existência De estatura regular, sua fisionomia emoldurada por pequenas suíças e por uma cabeleira um tanto comprida e anelada deixava transparecer toda uma alma de sentimentos afetivos generosos e sãos. Usava óculos de aros de ouro e trajava quase sempre de preto, trazendo à cabeça chapéu de feltro preto, tendo por hábito levantar uma das abas para evitar o castigo da luz solar. G L foi no seu tempo de mocidade um dos jovens mais formosos desta capital, gozando por este generoso dote da natureza a admiração das beldades da época. Mas era virtuoso. (...) Amava o velho Leuzinger os esplendores da natureza. O hábito desta contemplação que adquirira em sua pátria, toda montanhosa, não o perdeu no Brasil enquanto suas forças lhe permitiram. É assim que conhecia todos os recantos desta capital e do Estado do Rio, que escalava a pé, nos seus dias de lazer, extasiando-se diante da pujança da natureza brasileira que com tanto entusiasmo exaltava“.*

No plano da vida privada, a imagem dessa figura bondosa e a sensibilidade mostrada nos negócios se confirma pelas cartas. Pelas fontes até agora consultadas GL foi um pai rígido, como era de se esperar na época; Renata Santos aventa a ética protestante. Muito cuidadoso na educação dos filhos, preocupava-se com os laços afetivos que os filhos entretinham entre si quando crianças e depois quando com ele trabalhavam, orientava sua

inserção e comportamento nos negócios. Também cuidava muito do relacionamento dos filhos com a mãe, a quem elogiava muito. Um exemplo para encerrar é sua forma de orientar seu filho Paul, desanimado por que, já longe da casa paterna há tempos, ia mudar mais uma vez de domicílio europeu:

*“O que irá portanto mudar (?) seus hábitos (?) Oh (...), sim, eis o que te aflige mais mas meu filho (...) para se tornar um homem é preciso que nossa cabeça e nosso coração passem muitas vezes por uma crise. Infelizmente sem crise não renascemos e a crise nos faz mais prudentes e melhor para as provações.”*